



Agentes Agressivos nas Patologias Devem Ser Identificados

PRUDÊNCIO Walmor José

Professor de Arquitetura da UFRJ, defende valor do patrimônio antes de intervenção

Informações da Matéria

Histórico:

Recebimento: Setembro 2015

Revisão: Setembro 2015

Aprovação: Setembro 2015

Palavras-chave:

Agentes Agressivos

Patologias

Restauração

1. Introdução

Professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o arquiteto Walmor José Prudêncio, tem ampla experiência na área de patologia das construções em concreto, aço e madeira, como também na área de restauração e preservação do patrimônio, defende que uma intervenção na recuperação das patologias das construções deve ser realizada somente após a identificação das causas, como também dos agentes agressivos atuantes.

“É importante mapear e cadastrar informações dos sintomas e obter dados sobre o grau de fragilização dos materiais constituintes, antes de qualquer intervenção”, ensina Prudêncio. Ele complementa que a percepção de integração dos sistemas e dos órgãos e de seus profissionais especializados devem favorecer informações sobre o tema e que, geralmente, a origem das patologias está relacionada com a intensidade de uso, manutenção, materiais

utilizados inadequados ou condições de exposição.

Figura 1 – Palácio Guanabara após reforma de 2011. Anteriormente, a deterioração do Palácio era visível devido à forte ação da natureza presente em regiões litorâneas



Fonte: Acervo Concrejato

2. Profissional de intervenção deve ter conhecimento do valor do patrimônio

“É fundamental que os profissionais da intervenção possuam informação suficiente do valor do patrimônio antes de iniciarem a intervenção”, diz o professor. Outro ponto, é que os futuros engenheiros e arquitetos irão encontrar nas edificações das cidades modernas a tendência da verticalização das edificações e terão a necessidade de adequabilidade da sua harmonização com o microclima do local das construções, criando centros históricos livres de espigões.

Em sua opinião, a manutenção das construções antigas deve ser formalmente implantada e personalizada para cada edificação, inclusive indicando produtos e processos executivos que não provoquem agressão química, física ou mecânica aos materiais. “Não se trata da garantia da qualidade, mas responderá pelo ganho do prolongamento da vida do bem, e a frequência das ações de manutenção deve ser proporcional ao estado de fragilização dos materiais”, lembra Walmor.

3. “É impossível ver o que ignoramos”

A frase do arquiteto português Fernando Távora conclui na entrevista com o professor de arquitetura da UFRJ: “É impossível ver o que ignoramos, amar (arquitetonicamente) o que desconhecemos, olharmos para coisas que não temos sequer a consciência que existem, até o dia em que se faça luz”. Walmor acredita que a restauração de obras de valor e expressão histórica vem sendo beneficiada com a evolução tecnológica, focada no avanço das pesquisas e identificação da composição das propriedades dos materiais e técnicas executivas da origem da construção.